

REVOLUÇÃO DE 1930: O PARANÁ E O NORTE PIONEIRO*

Prof.Ms. Roberto Bondarik
bondarik@utfpr.edu.br

*Colégio Estadual “Vandyr de Almeida” Ensino Fundamental e Médio
Colégio Estadual “Cristo Rei” Ensino Normal
Núcleo Regional da Educação de Cornélio Procópio*

RESUMO

O PDE é um programa de formação continuada de docentes da SEED-PR envolvendo instituições públicas de ensino superior, envolvendo diversas áreas do conhecimento e do currículo escolar. O presente trabalho objetivou estudar documentalmente a Revolução de 1930 no Norte Pioneiro do Paraná. Considerada Revolução em decorrência do marco temporal que estabeleceu e das transformações que proporcionou ao longo daquela década, o movimento de outubro de 1930 foi causado por fatores como o Tenentismo, a cisão oligárquica São Paulo – Minas Gerais e a ascensão política do Rio Grande do Sul, conjugados às eleições presidenciais daquele ano. À época a economia paranaense estava em crise e havia ressentimentos pela influência paulista verificada no norte do Estado. A adesão do Paraná foi rápida e decisiva, em poucos dias revolucionários paranaenses e gaúchos batiam-se contra tropas paulistas e federais na divisa com São Paulo. No Norte Pioneiro ocorreram choques em Joaquim Távora e Quatiguá onde houve um dos principais combates da Revolução em 12 e 13 de Outubro. Centenas de soldados lutam e os gaúchos vencem, fazem prisioneiros amealham materiais e controlam a região enquanto paulistas e demais legalistas se retiram do Paraná. Quatiguá representou a determinação e a capacidade da Revolução em persistir e alçar Getúlio Vargas ao poder nacional. A recuperação da memória destes acontecimentos deu-se por revisão bibliográfica e documentos da época, o texto didático originado foi estudado e discutido com docentes da rede pública estadual por meio do GTR e aplicado aos discentes do Ensino Médio.

ABSTRACT

The PDE is a program of continued formation of professors of the SEED-PR involving public institutions of superior education, involving diverse areas of the knowledge of of the pertaining to school resume. The present work objectified to documentary study the Revolution of 1930 in the Pioneering North of the Paraná. Considered Revolution in result of the secular landmark that established and the transformations that it provided throughout that decade, the movement of October of 1930 was caused by factors as the Tenentism, the oligarchical split São Paulo - Minas Gerais and the ascension politics of the Rio Grande Do Sul, conjugated to the presidential elections of that year. To the time the Paraná economy was in crisis and had for the verified São Paulo influence in the north of the State. The adhesion of the Paraná was fast and decisive, in few paranaenses revolutionary days and gauchos they were beaten against São Paulo and federal troops in the verge with São Paulo. In the Pioneering North shocks in Joaquin Távora and Quatiguá had occurred where it had one of the main combats of the Revolution in 12 and 13 of October. Hundreds of soldiers fight and the gauchos are successful, they make prisoners they hoard materials and they control the region while São Paulo and excessively legalist if they remove of the Paraná. Quatiguá represented the determination and the capacity of the Revolution in persisting and Getúlio Vargas to the national power. The recovery of the memory of these events was given for bibliographical revision and documents of the time, the originated didactic text was studied and argued with professors of the state public net by means of the GTR and applied to the learning of Highs Schools.

PALAVRAS-CHAVE

Revolução de 1930; Combate de Quatiguá; Norte Pioneiro; História do Brasil; História do Paraná.

* Artigo produzido sob a orientação do Professor Doutor Miguel Árias Neto, Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como exigência parcial para a conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional – Turma do Ano de 2007 – promovido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná e Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia do Paraná;

KEY-WORDS

Revolution of 1930; Combat of Quatiguá; Pioneering north; History of Brazil; History of the Paraná.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui como objetivo principal identificar documentalmente e relatar os acontecimentos relacionados à Revolução de 1930 no Norte Pioneiro do Paraná (Ramal do Paranapanema).

Desta forma os objetivos específicos que se tornaram evidentes foram: identificar as fontes históricas da Revolução de 1930 no Paraná; levantar os principais acontecimentos e respectivas conjunturas da revolução de 1930 no Norte Pioneiro do Paraná; caracterizar as conjunturas em que ocorreu a Revolução no Norte Pioneiro do Paraná; estabelecer um acervo documental dos acontecimentos relacionados; produzir textos científicos e informativos sobre a pesquisa e; produzir textos de aplicação didática conforme orientação da SEED-PR.

1. APRESENTAÇÃO

1.1 PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE/SEED-PR

O Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) foi implementado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR) em conjunto com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, contando ainda com a participação das Universidades públicas Estaduais e Federais que atuam no Estado do Paraná. O PDE constituiu-se de diversas atividades articuladas em torno da pesquisa e das práticas educacionais gerais e também específicas de cada área do conhecimento.

Idealizado durante a elaboração do Plano de Carreira do Magistério (Lei Complementar n. 103, de 15 de março de 2004), a partir das reuniões conjuntas entre os gestores da SEED e os representantes do Sindicato dos professores, o PDE toma forma e se concretiza neste ano de 2007, para produzir progressões na carreira e melhoria na qualidade da educação oferecida a milhares de crianças, jovens e adultos das escolas públicas do Paraná. O Programa, que prevê avanços na carreira e tempo livre para estudos, demonstra a justa preocupação com a formação permanente das educadoras e dos educadores e com o real aprendizado de nossos estudantes. Este programa de estudos terá duração de dois anos: no primeiro ano, o professor PDE será afastado de suas atividades em 100% e, no segundo ano, em 25% (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ, 2007).

Idealizado como um programa de formação profissional e capacitação continuada, o PDE possibilitou aos professores da Rede Pública Estadual de Ensino, a possibilidade de retorno ao ambiente acadêmico e a articulação entre o saber erudito, teórico e melhor elaborado com o conhecimento prático e a experiência

docente adquirida em sala de aula. Ambos os conhecimentos foram entrelaçados por meio do estudo e especialmente da pesquisa, sendo esta, um dos pilares deste programa.

Ao optar pela implementação do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, um programa de Formação Continuada que não encontra modelos públicos similares, a educação paranaense, mais uma vez, mostra-se inovadora, coerente na perseguição à utopia da educação de fato universal, democrática, transformadora e de qualidade. A parceria com as Instituições Públicas de Ensino Superior do Paraná decorre da percepção de que a essência do Programa encontra ressonância na reflexão pedagógica crítica nelas produzida. Dessa forma, acreditamos que estamos construindo um Programa que ultrapassa os limites da ação proposta, pois viabiliza uma real integração entre a formação inicial e a formação continuada dos egressos de graduação, que poderá resultar em outras parcerias ainda mais promissoras. (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ, 2007).

O presente trabalho pretende ser um relato e a apresentação dos resultados efetivos dos conhecimentos assimilados ao longo do programa e do trabalho de pesquisa e desenvolvimento prático que foi conduzido.

1.2. PLANO DE TRABALHO

O objetivo deste capítulo é expor o Plano de Trabalho que efetivamente pode ser considerado como um projeto de pesquisa ou mesmo de ação daquilo que se pretendeu desenvolver dentro do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) promovido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED). No Plano de Trabalho foi apresentado também um relato sobre todas as atividades acadêmicas, cursos, palestras, simpósios e estudos que foram realizados e que devido a suas particularidades não serão aqui abordados.

1.2.1. IDENTIFICAÇÃO, TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO

Sob a orientação do Prof. José Miguel Árias Neto e da Universidade Estadual de Londrina, este Plano de Trabalho e a ação de pesquisa dele resultante versou sobre a temática da “**Crise da República Velha e a sua transição para o Estado Novo**”. O título que se convencionou adotar em virtude dos objetivos propostos foi “**A Revolução de 1930 no Estado do Paraná**”. Objetivou-se também a elaboração de material didático que foi testado e aplicado junto alunos do Ensino Médio da rede Estadual de Ensino.

O problema a ser pesquisado e trabalhado relacionou-se com a identificação documental dos principais acontecimentos relacionados à Revolução de 1930 no Norte Pioneiro do Estado do Paraná. Este foi também o objetivo geral perseguido

pelo projeto e na condução dos trabalhos de pesquisa e elaboração do material didático proposto pela SEED.

Outros objetivos pontuais ou específicos que puderam ser relacionados foram: Identificar as fontes históricas da Revolução de 1930 no Paraná; Levantar os principais acontecimentos e respectivas conjunturas da revolução de 1930 no Norte Pioneiro do Paraná; Caracterizar as conjunturas em que ocorreu a Revolução no Norte Pioneiro do Paraná; Estabelecer um acervo documental dos acontecimentos relacionados; Produzir textos científicos e informativos sobre a pesquisa; Produzir textos de aplicação didática conforme orientação da SEED-PR;

1.2.2. JUSTIFICATIVA

O conhecimento histórico, representando um exemplo profundo de saber científico, metodicamente construído e assimilado, legitima-se por sua vez uma por diversos fatores. Alguns destes foram expostos por Reis (1996, p.86):

Porque é a marca principal da civilização ocidental; se tirarmos a história da civilização ocidental, esta seria outra, o que nos faz pensar que este conhecimento age sobre os fundamentos mesmos da estrutura mental ocidental e pertence a ela tão profundamente que se tornou inconsciente; **O conhecimento histórico é um prazer;** o prazer do conhecimento do outro, a curiosidade de conhecer situações que ele viveu, o que ele sentiu, como sobreviveu, como morreu; **O conhecimento histórico tem uma legitimidade intelectual:** interessa ao homo sapiens, que quer se conhecer e se reconhecer o que o rodeia e a ele mesmo; **O conhecimento histórico possui uma legitimidade social,** é útil porque põe em contato os homens do presente com os homens do passado.

Legitimar é apontar a sua utilidade, é dizer porque ela é útil e porque ela deve ser considerada importante. Reis (1996) destacou o que Marc Bloch respondeu, quando indagado, por uma criança. Diante da complexidade desta questão, Bloch constatou a maneira como a história se entrelaça com os fundamentos da cultura ocidental:

A história é constituidora da cultura ocidental. Assim, antes de tudo, a civilização ocidental é histórica, desde as suas origens gregas e romanas confirmadas pelo cristianismo. Os gregos criaram o gênero histórico, os romanos o utilizaram em sua expansão imperial; os cristãos são profundamente historiadores: seus livros sagrados possuem datas, eventos, rituais, uma escatologia. A civilização ocidental cultivou sempre sua memória diferentemente de outras culturas. A presença do conhecimento histórico no seu interior é uma das suas características mais distintivas (REIS, 1996, p.87).

A preocupação com os usos aplicados a História foi demonstrada por Bann (1994) e também através do discurso de alguns historiadores ao incorporar as experiências do passado ao cotidiano contemporâneo da humanidade. Bann opinou sobre a legitimidade que pode ser atribuída ao conhecimento e a ciência histórica,

dividindo o uso, função e a utilidade da História em três partes, baseando-se no pensamento de Nietzsche:

A história é necessária para o homem atual por três motivos: em relação à sua ação e luta, em relação a seu conservadorismo e respeito, e em relação a seu sofrimento e a seu desejo de redenção. Estas três relações respondem aos três tipos de história – até onde eles podem ser distinguidos – a monumental, a antiquária e a crítica. (BANN, 1994, P.131)

A produção de textos sobre história do Paraná é uma necessidade auferível junto a professores e estudantes tanto do Estado do Paraná como de outras regiões. Recuperar a memória de uma pessoa, segmento social, profissional, produtivo ou mesmo de uma região significa recuperar a sua história, seu domínio e a sua vivência do passado. Transmitir a memória é socializar as experiências humanas, tornar conhecidas suas trajetórias e auxiliar no estabelecimento de paradigmas e valores individuais ou coletivos.

Preservar documentos e fontes históricas, recuperar a memória mais que preservar o passado, significa preservar o conhecimento e o saber adquiridos, construídos e desenvolvidos sobre a realidade vivenciada ao longo do tempo, dos sucessos e dos insucessos que constituem a experiência existencial do ser humano.

1.2.3. DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo deste projeto é a Revolução de 1930 no Estado do Paraná e os acontecimentos e documentos a ela relacionados no Norte Pioneiro do Estado.

1.2.4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa, o estudo e a análise das estruturas históricas, são decorrentes da preocupação historiográfica, que vai muito além da palavra escrita e do registro que foi gravado no papel, em pedra ou preservada por diversos outros meios. A história estrutural se preocupa em buscar no inconsciente humano, em sua mentalidade, em suas crenças e valores, em suas práticas cotidianas e culturais, a devida ligação com o passado e com as suas origens e é neste ponto em que ela se assemelha com a Antropologia.

É na questão relacionada com as fontes onde reside a maior parte das diferenças entre os historiadores positivistas e os adeptos da história estrutural e dos Annales, que constituem a Nova História, surgida e desenvolvida na Grã-Bretanha e

também na França. Os positivistas tiveram o seu auge historiográfico, quando a consolidação da História como uma ciência formal (Positiva).

Os Annales são um grupo de historiadores franceses do século XX, que se preocuparam com a evolução e o estudo da História Social. Suas atenções voltaram-se também a outros aspectos da historiografia. Sob uma perceptível influência das ciências sociais, o estudo da história e a historiografia sofreram profundas alterações nos campos pertinentes às técnicas e aos métodos de estudo.

Se antes a documentação era relativa ao evento e ao produtor, o grande personagem histórico em suas lutas históricas, agora ela é relativa ao campo econômico-social-mental: ela se torna massiva, serial, revelando o duradouro, a permanência, as estruturas sociais. Os documentos se referem à vida cotidiana das massas econômicas, à sua vida produtiva, à sua vida produtiva, à sua vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças coletivas, às suas diversas formas de organização da vida social. (REIS, 1996, p.18-19)

Segundo Peter Burke (2000) os historiadores sociais, de uma forma geral, se interessam a exemplo dos arqueólogos e antropólogos pela Cultura Material. Por cultura material podemos compreender a alimentação, as vestimentas, a moradia, o mobiliário, os instrumentos e ferramentas, etc. Não se trata simplesmente de uma história de objetos, mas procura englobar principalmente o estudo do conhecimento para a obtenção e a fabricação destes objetos. Apresenta a história social como uma sendo uma história do pensamento, das mentalidades ou ainda de como esse pensamento e este saber prático foram obtidos.

1.2.4.1. Preservação e Recuperação da Memória

Todo ser humano possui uma consciência do passado e isto é o que afirma Eric Hobsbawm (1998). O passado é definido como sendo o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo. Essa consciência é resultante do fato de que cada ser humano sempre convive ou conviveu com outras pessoas mais velhas ou ainda detentoras de maiores experiência sobre os acontecimentos. Hobsbawm (1998, p.22), afirma ainda que:

Provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com um longa história (HOBSBAWM, 1998, p.22).

Memória por sua vez é tudo aquilo, fatos e sentimentos, que uma pessoa se lembra ou recorda. Memória também pode ser definida como sendo a capacidade de lembrar. Na mitologia grega, a memória era uma deusa, *Mnemosine*, que, unida a *Zeus*, gerou as nove musas, divindades responsáveis pela inspiração poética.

Fisicamente, é o processo de aprender, armazenar e recordar uma informação. Memória não é História. Memória é o que registramos em nosso corpo. História é a narrativa que montamos a partir de nossa memória, a construção do que lembramos. Memória tampouco representa um depósito de tudo o que nos aconteceu. A memória é, por excelência, seletiva. Guardamos aquilo que, por um motivo ou por outro, tem - ou teve - algum significado em nossas vidas. Ela constitui o suporte fundamental da identidade individual e coletiva.

1.2.4.2. A Revolução de 1930

Após uma ligação econômica umbilical com a Grã-Bretanha e cultural com a França por todo o século XIX, período em que a economia brasileira foi baseada essencialmente na agricultura, especialmente cafeeira, na segunda década do século XX o Brasil transforma-se. Segundo Brener (2004) o Brasil que emerge da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) era já um tanto que diferente: mais industrializado e também muito mais ligado aos Estados Unidos da América.

O período compreendido entre a eleição do primeiro Presidente da República civil no Brasil, o paulista Prudente de Moraes e a Revolução de 1930, convencionou-se chamar de República Velha. Neste período as eleições dos ocupantes dos diversos cargos nos três níveis do poder do Estado (Município, Estados e União) eram conduzidas conforme os interesses oligárquicos. O Presidente da República era eleito com base em acordos inter-oligárquicos que envolviam apenas os grupos estaduais mais fortes, excluindo os menos eminentes ou procurando isolar outros que também teriam condições de ocupar o poder nacional. O principal destes acordos foi o “Pacto de Ouro Fino”, firmado em 1913 entre as oligarquias de Minas Gerais e de São Paulo e deu forma à “Política do Café-Com-Leite”, união de interesses que tipificou esse período histórico do Brasil.

A política do “café-com-leite”, firmada em 1913 entre São Paulo e Minas, por ocasião do “Pacto de Ouro Fino”. Na época, seu objetivo imediato era isolar o Rio Grande do Sul e deu líder nacional, [o Senador] Pinheiro Machado, cujas últimas investidas haviam favorecido as eleições de Afonso Pena (mineiro) e Hermes da Fonseca (gaúcho) para a presidência da República (CAMARGO, 1982, p.21-22).

Surge ou amplia-se desta forma a rivalidade entre o Rio Grande do Sul e as oligarquias paulista e mineira. Esse isolamento gaúcho contribuiu para a união de suas lideranças que haviam sido rivais e a chegada a luta armada em diversas guerras civis e revoluções ao longo da década de 1920. Sob o governo estadual de

Getúlio Vargas, a partir de 1928, estas lideranças e grupos rivais gaúchos foram pacificados e passaram a focar seus interesses na condução dos interesses nacionais e na conquista da Presidência da República por um gaúcho, no caso Getúlio Vargas que concorreria às eleições de 1930. Esta condição pode ser evidenciada na decisão tomada pelo Partido Libertador do Rio Grande do Sul, até então adversário político e militar do grupo a que pertencia Vargas, o Partido Republicano Rio-Grandense.

Além da política oligárquica, outro fator importante para a eclosão da revolução de 1930 foi a ação dos tenentes, militares rebelados em diversos pontos do Brasil em 1922, 1924 e 1926. Liderados por Miguel Costa, oficial da Força Pública Paulista e Luis Carlos Prestes, oficial do Exército Brasileiro, os “Tenentes” percorreram o Brasil levando instabilidade política e militar por onde passaram. A Coluna Miguel Costa / Prestes cruzou o país enfrentando forças do exército, polícias estaduais e oligarcas, até se refugiar na Bolívia e na Argentina de onde a maioria dos seus membros retornou ao Brasil e participou ativamente da Revolução de 1930. São exemplos de “Tenentes” que atuaram na Revolução: Miguel Costa, Juarez Távora, Siqueira Campos, Nelson Etchegoyen entre outros.

A união entre “Tenentes” e republicanos gaúchos, segundo Camargo (1982) pode ter se dado por via do pensamento positivista, comum aos dois grupos. Ambos os grupos desejavam criar um exército forte e isso somente seria possível com o estabelecimento de um Estado igualmente poderoso e intervencionista. Desta forma um acordo acabou envolvendo os dois grupos que conduziram militar e ideologicamente o processo revolucionário.

1.2.4.3. Causas Gerais da Revolução de 1930

A Revolução desencadeada em outubro de 1930 teve seu impulso principal devido às eleições presidenciais de 1930, sendo que esta pode ser apontada como sua principal causa uma vez que todas as outras acabaram sendo fundidas a esta.

A arrancada do processo revolucionário gravita em torno da sucessão presidencial de 1930, definindo aí suas motivações mais arraigadas e mais visíveis [...] a sucessão não será apenas a expressão genérica do descontentamento de três estados (Minas, Rio Grande do Sul e Paraíba) contra a hegemonia paulista, mas também o reflexo de dissensões que atingem as mais antigas, consagradas e representativas lideranças da República Velha (CAMARGO, 1982, p.18).

A cisão no acordo oligárquico que dava forma a política do Café-Com-Leite se delineou durante a escolha do candidato oficial a Presidência da República. Para Camargo (1982) este conflito gerado antes, durante e especialmente após as eleições, ocorria no seio das elites políticas que controlavam a República. E também esse desentendimento entre as oligarquias não era, segundo esta autora, algo relativamente inédito na história da República Velha.

A esta cisão soma-se a outras quatro causas igualmente importantes e devem levar em conta sempre as questões relacionadas com a eleição presidencial de 1930. A primeira delas listada por Camargo (1982) trata da ofensiva paulista visando manter a sua hegemonia política, fator essencial para estimular sua liderança econômica no país:

A **ofensiva paulista** no sentido de consolidar a almejada hegemonia política no quadro federal e de garantir a continuidade de sua política econômica e administrativa. Para isto, previamente reforça sua aliança com o Rio Grande do Sul, que será beneficiado pelos favores do Governo Federal e com o mais importante ministério: o Ministério da Fazenda, concedido à Getúlio Vargas. O fortalecimento dos laços entre o Rio Grande do Sul e São Paulo prenunciam, sem dúvida, a necessidade de neutralizar as esperadas resistências mineiras ao candidato paulista, decorrentes da reorientação do antigo pacto São Paulo-Minas [Pacto de Ouro Fino]. Estes planos serão dificultados pela inesperada resistência gaucha, açodada por Minas, e pela crise internacional que atinge o café, enfraquecendo a liderança oficial diante das forças de oposição paulistas [Partido Democrático]. Tais mudanças quebram, em favor das últimas, a antiga coesão paulista (CAMARGO, 1982, p.20).

O Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, tenta ele mesmo ser indicado como o candidato oficial de Washington Luiz. A ligação de Vargas com Antonio Carlos de Andrada, Presidente do Estado de Minas Gerais, e a inimizade deste com o Presidente da República fez com que esses planos fossem abandonados.

A **ascensão gaucha**, que se confirma desde 1910 e que é bloqueada pela aliança São Paulo-Minas e pela morte de Pinheiro Machado. Após a derrota de 1922, o Rio Grande encontra, em 1929, condições surpreendentemente favoráveis, graças ao êxito da política de frente única empreendida por Vargas no âmbito estadual. De fato, o declínio e a retirada de Borges de Medeiros (chefe regional e eterno governador do estado) abre caminho para o entendimento entre republicanos e libertadores, e permite a ascensão de um novo líder, Vargas, que além do indispensável respaldo interno, tem livre trânsito na política federal e a confiança pessoal do Presidente da República, a quem poderia suceder. Tendo em seus quadros um nome “presidenciável”, o Rio Grande do Sul postula, em uníssono, tanto quanto o velho sonho de ocupar o cargo, o direito de participar com destaque da definição e do encaminhamento do jogo sucessório. De fato a ambição regional à presidência congrega todas as lideranças gauchas, inclusive aqueles que, como o Secretário de Finanças, Paim Filho, marchavam o candidato dissidente, não pelo programa que ele encampava, “mais por julgar que havia chegado a hora de o Rio Grande influir mais diretamente nos destinos da República”. Outros como Flores da Cunha e Lindolfo Collor, apoiaram Vargas apesar dos mais estreitos vínculos com a política oficial de São Paulo (CAMARGO, 1982, p.20).

O rompimento entre o Antonio Carlos de Andrada e Washington Luiz fez com que o acordo firmado pelo Pacto de Ouro Fino fosse também abandonado. Buscando um espaço que julgava pertencer a Minas Gerais, Antonio Carlos aproximou-se de grupos oposicionistas e buscou construir uma candidatura alternativa à Presidência da República, mesmo com um candidato de outro Estado.

O **descenso mineiro** pode ser detectado, a nível menos imediato, por um desvantajoso desequilíbrio regional que acentua relações “neocoloniais de dependência” em favor do eixo Rio-São Paulo. Tais tendências são corroboradas, no plano político, pela visível fragilidade de Minas diante do avanço paulista. O veto de Washington Luís ao nome de Antonio Carlos, potencial candidato, é escorado nas divisões internas de uma fragmentada liderança. A impossibilidade de fornecer nome próprio – sintoma visível de debilidade – tem como contrapartida o empenho consensual dos próceres mineiros em vetar o candidato paulista, substituindo-o por outro, junto ao qual seria maior a influência de Minas (CAMARGO, 1982, p.20).

Por fim Camargo (1982) elenca o papel que coube às oligarquias do Nordeste neste conjunto de eventos. Certo é que a principal oligarquia envolvida com os planos oposicionistas, e que aceitou participar da oposição, era a da Paraíba que enfrentava problemas sérios de rebeliões internas e com o próprio Presidente da República. Os nordestinos buscavam um maior espaço político, um espaço a altura de sua importância pretérita na história do Brasil.

A **inserção nordestina**, representada pela presença da Paraíba na dissidência oligárquica, efetiva-se, não por mera coincidência, através do único estado da região que forneceu nome próprio e eu foi politicamente beneficiado por ela. Por isso mesmo, a presença de Epiácio Pessoa será decisiva nas negociações que precedem o lançamento das candidaturas, nas quais desempenha papel “orientador e consultivo”. Já em 1927, em conversa com José Bonifácio, irmão de Antonio Carlos, sugere que Minas não deveria disputar diretamente a sucessão, “mas que, com essa renúncia, teria em mãos a chave do problema sucessório (CAMARGO, 1982, p.20-21).

Após a derrota eleitoral, manipulada pelo Governo Federal e por suas oligarquias estaduais submissas, restou aos oposicionistas de 1930 a luta armada, apesar das tentativas condições de negociar e salvar a honra dos contendores:

Os argumentos de Vargas ao moderado Paim Filho revelam bem os motivos da opção revolucionária do governo gaúcho: a convicção de que um eventual esfacelamento da Frente Única, por recuo do governo estadual, seria um sacrifício inútil da autoridade do governador diante das inevitáveis represálias federais. “Somente a satisfação dos interesses coletivos do Rio Grande justificaria uma atitude conciliatória do presidente do estado, que foi candidato da Aliança; mas o sacrifício de ambos não encontraria justificativa honrosa”. Sugestivamente, idêntico diagnóstico move Artur Bernardes naqueles mesmos dias de julho, quando incita o presidente eleito [de Minas Gerais] a comprometer-se com os revolucionários: “devo de antemão declarar-lhe que não vejo saída digna para nós senão pela porta da revolução – única deixada pelo inimigo (CAMARGO, 1982, p.29-30).

E assim efetivou-se o conflito, convencionado de Revolução de 1930 e que conduziria novos atores, também outros nem tão novos assim, ao centro das

atenções e das decisões no Brasil por pelo menos três décadas. Getúlio Vargas alçado ao poder se perpetuaria no mando nacional por quinze anos, e depois eleito por mais quatro, o Brasil nunca mais seria o mesmo.

1.2.4.3. A Efetivação da Revolução

Iniciada em 03 de outubro de 1930 com a tomada do Quartel General do Exército em Porto Alegre, a Revolução tomou conta da totalidade das unidades do Exército no Rio Grande do Sul. Segundo McCann (2007) o Exército teve a sua cadeia de comando desestruturada e solapada. Cerca de oitenta e dois por cento dos oficiais aderiram ao movimento no estado. Um fator importante que deve ser levado em conta é que nos quartéis do Rio Grande a maioria dos soldados e sargentos que lá serviam era da própria região. Estes homens rejeitaram a idéia de lutar entre si e a idéia de vingar o ultraje a honra gaúcha ofendida com a eleição presidencial, um desejo latente. Vitoriosos no Rio Grande do Sul, resistindo em Minas Gerais e avançando pelo Nordeste a partir da Paraíba, os revolucionários passaram a visar a capital da República, a cidade do Rio de Janeiro. Do Rio Grande do Sul os revolucionários partiram em direção a São Paulo. Para Bueno (2003) a Revolução de 1930 não foi uma parada militar como havia sido a Proclamação da República.

Pela Ferrovia São Paulo – Rio Grande do Sul os revolucionários gaúchos seguiram até Porto União. As unidades militares federais do Estado do Paraná se rebelaram e derrubaram o Governo Estadual¹. De Ponta Grossa os revolucionários, engrossados pelas unidades paranaenses do Exército, Polícia e voluntários seguiram para as divisas de São Paulo, região onde um impasse marcado por combates se manteve até 24 de outubro de 1930.

As tropas gaúchas, partindo de trem e a cavalo de Porto Alegre, não conseguiram conquistar Florianópolis (que só se renderia em 24 de outubro), mas tomaram Joinville e, a seguir, Góis Monteiro instalou o quartel-general dos rebeldes em Ponta Grossa (BUENO, 2003, p.325).

Em Minas Gerais, devido em parte às características especiais das tropas ali estacionadas, cujos soldados em sua maioria eram de fora do Estado, os revolucionários não obtiveram ali o mesmo sucesso do Rio Grande do Sul. A condição mineira preocupava as lideranças revolucionárias envolvidas na região.

¹ Esta seqüência de acontecimentos, as ações militares e o contexto político e econômico do Estado do Paraná são retratados e tornaram-se objeto de discussão própria no capítulo destinado à exposição do material didático produzido (FOLHAS). (Nota do Autor);

O veterano tenente Osvaldo Cordeiro de Farias coordenava a atividade rebelde naquele estado, mas como era apenas primeiro-tenente, o comando era exercido pelo irmão do falecido João Pessoa, tenente-coronel Aristarcho Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Não conseguiram trazer para o seu lado nenhuma das guarnições federais (MCCANN, 2007, p.376).

Basicamente as forças revolucionárias em Minas Gerais eram formadas pela Força Pública do Estado (Polícia Militar) e principalmente por civis que haviam sido recrutados e armados por chefes políticos locais. Mesmo assim os rebeldes obtiveram muitos sucessos e conseguiram manter a Revolução pelo tempo necessário para que obtivessem a vitória do movimento. Algumas unidades do Exército resistiram por diversos dias até que as suas forças se esvaíssem.

No Nordeste ocorreu sucesso semelhante e segundo McCann (2007) as resistências foram vencidas em três dias. Nesta região além do Exército, unidades dos Tiros de Guerra, como o do Recife, aderiram à Revolução rapidamente.

Com posições consolidadas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e na maior parte do Nordeste, Getúlio Vargas sentiu-se seguro para seguir ao teatro de operações deflagrado no Paraná. Partiu de Porto Alegre em 12 de outubro e chegou a Ponta Grossa no dia 17, acontecimentos celebrados apoteoticamente pela população. Segundo Bueno (2003) neste momento a Revolução ainda não estava ganha, a barreira representada por Itararé em São Paulo e pelo Vale do Paranapanema mais ao norte na divisa deste com o Paraná precisavam ser vencidas.

O interesse do comandante do Estado Maior Revolucionário, Góis Monteiro, dos oficiais do exército regular que aderiram ao movimento e dos Tenentes, não era, segundo McCann (2007) destruir materialmente o Exército brasileiro. Suas intenções eram conquistar o completo controle sobre a força terrestre nacional. Desta forma Itararé revelou-se um impasse a ser subjugado e vencido.

Itararé (SP), na fronteira com o Paraná, mais de 6 mil soldados legalistas, comandados por Pais de Andrade e com o apoio de aviões e quatro canhões, aguardavam a hora do choque contra os 8 mil rebeldes, que tinham 18 canhões. Andrade, aquartelado num penhasco à beira de um rio, recebera as ordens de “defender a cidade a todo o transe”. Previa-se um terrível combate. No dia 24, porém, ao serem informados de que Washington Luís fora deposto, no Rio, os legalistas se renderam (BUENO, 2003, p.325).

Se a batalha tivesse ocorrido, com grandes probabilidades a Revolução seria ainda assim, vitoriosa. Porém, o custo material, humano e político seria muito mais

elevados, ao ponto de, segundo Bueno (2003) de mudar os rumos da história do Brasil de forma bastante diversa do que ocorreu.

1.2.4.4. O Caráter Revolucionário do Movimento Político-Militar de 1930

A utilização do termo “**Revolução**” para denominar o “**movimento político e militar**”, nos dizeres de Gorender (1980), ocorrido em outubro de 1930 e que culminou na derrubada das estruturas políticas que sustentavam a República Velha (1889-1930), é considerada por muitos historiadores como controversa. Alguns estudiosos chegaram a se opor a utilização deste termo julgando-o inconveniente a um movimento que consideravam como um conflito inter-oligárquico, uma guerra civil que objetivava a troca dos mandatários da República e a acomodação de forças. Ainda conforme estes historiadores de cunho marxista, em 1930 teria ocorrido apenas a mudança dos governantes, mas sem alteração significativa das estruturas e práticas do governo. Outros opinaram sobre a visão que tiveram da rebelião outubrista como um movimento da burguesia que se antecipou a uma suposta revolução operária que, cedo ou tarde, transformaria as estruturas sociais, produtivas e políticas do Brasil conforme o modelo bolchevique e soviético. Não existem evidências de que algo semelhante estivesse em curso no país àquela época.

Acreditamos que o termo “Revolução” seja, no contexto deste trabalho, corretamente aplicado ao movimento de 1930. Considerar a Revolução de 1930 como tal, decorre especialmente dos seus resultados e conseqüências que se revestiram de muito mais importância e significado que as propostas que levaram a sua eclosão e efetivação. Tal visão é compartilhada por Ferreira (2006) que concorda que as conseqüências deste movimento, entendendo-se dentro deste contexto as medidas tomadas pelo Governo Provisório (1930-1934), depois o Governo Constitucional (1934-1937) e por fim o período ditatorial do Estado Novo (1937-1945). O Estado Novo seria a consolidação da Revolução de 1930 e não há como negar que esse longo período sobre o governo de Getúlio Vargas foi marcado por mudanças sociais, econômicas e políticas bastante profundas no país.

Aparentemente o movimento de outubro de 1930 não foi conduzido e muito menos operou como uma revolução clássica, decorrendo deste fato a oposição dos marxistas. Camargo (1982) adota a idéia de que a Revolução de 1930 não provocou um imediato deslocamento do poder político da antiga classe dominante para as

mãos dos novos segmentos sociais que emergiam com o movimento, não ocorrendo nem mesmo alterações institucionais profundas neste primeiro momento, não ocorrendo nem mesmo alterações institucionais profundas neste primeiro momento. Porém, esta substituição ocorre ao longo do tempo e assim pode ser detectada:

a) pelo brusco alijamento dos próceres oligárquicos que emergem com a ordem republicana ou se confundem com ela; alguns deles participam do processo revolucionário, mas já em 1932 estarão praticamente excluídos; b) pelo deslocamento, de segundo para primeiro plano, das gerações mais novas, que se formam enquistadas nos centros regionais de poder da Republica Velha, mas cuja ascensão é bloqueada pelas antigas lideranças, que se renovam com lentidão ou pelo poder desigual distribuído entre os Estados; c) pela incorporação da jovem oficialidade tenentista nos quadros de direção política, e pela absorção de parte substancial de seu programa político. Tal absorção reduz, de maneira nítida, a idade média dos novos dirigentes e acelera a renovação programática introduzida pela Revolução de 1930 (CAMARGO, 1982, p.15).

Jacob Gorender é um dos autores que discordam da utilização da expressão “Revolução de 1930”. A sua discordância sobre o termo deve-se a análise de que não haveria ocorrido uma transformação profunda na sociedade e que atingisse a sua base econômica instaurando novas relações de produção. Gorender (1980) se apega ao conceito clássico e marxista de Revolução, porém, não desfaz por completo a importância deste evento histórico e nem haveria como fazê-lo.

Outra vertente historiográfica qualifica como importante para a eclosão da Revolução de 1930, as classes urbanas, em especial os setores médios da sociedade. Segundo os adeptos desta opção historiográfica, foi a classe média urbana a responsável pela criação das condições, aglutinação de interesses, condução e efetivação do movimento revolucionário vivenciado em outubro de 1930. Esta importância decorre especialmente do fato que foram estes segmentos sociais os maiores beneficiários das conseqüências e das situações decorrentes da Revolução. Defensores desta linha de pensamento historiográfico são os autores Alberto Guerreiro Ramos e Hélio Jaguaribe:

Para Ramos, a Revolução de Trinta seria a continuidade dos movimentos militares da década de vinte (1920) e da Campanha Civilista. O movimento teria assim encerrado o ciclo da constitucionalização efetiva do Estado, abrindo um ciclo de lutas políticas pela estruturação ideológica das classes sociais no Brasil (FERREIRA e PINTO, 2006, p.20).

Conforme Martins (1982) ao considerarmos a “Revolução de 1930” como um fato realmente marcante como o sentido forte deste termo nos faz considerar um sentido profundamente marcante de um processo, e não considerá-la apenas como um simples episódio desse mesmo processo, mesmo que seja um episódio significativo, a tendência é de que traços circunstanciais sejam supervalorizados.

Traços que podem caracterizar o episódio, mas não caracterizam o processo. É no rastro deste equívoco que, a meu ver, se situa a tendência para valorizar o discurso liberal e democratizante dos atores da época – transferindo-se ao processo aquilo que é apenas do discurso (MARTINS, 1982, p.687).

A obra de Boris Fausto (1991), “*A Revolução de 1930: Historiografia e História*”, cuja primeira edição data da década de 1970, aprofundou as críticas a estas duas vertentes historiográficas. Segundo Fausto (1991) a Revolução de 1930 deve ser compreendida como o resultado de confrontos e atritos entre as diversas oligarquias estaduais que existiam no Brasil naquele período histórico. Essa cisão foi fortalecida ainda pelos movimentos militares dissidentes dos quais o Tenentismo é o melhor e mais significativo dos exemplos. Tanto oligarquias dissidentes como “tenentes rebelados” possuíam por objetivo golpear e solapar a burguesia cafeeira formada por produtores, exportadores e comerciantes ligados a este segmento econômico.

Assim a “Revolução de 1930” foi revolução mais em decorrência das mudanças que provocou nos anos seguintes a sua efetivação do que devido as circunstâncias conjunturais que levaram a sua eclosão. Negar seu caráter revolucionário é negar a forma como os fatos foram conduzidos e evidenciados naquele tempo.

1.2.4.5. A Vitória da Revolução

No Rio de Janeiro em meados de outubro e diante do avanço revolucionário em várias frentes e dos impasses surgidos onde isso não ocorria, um grupo de generais e oficiais superiores resolveu se mobilizar para tentar colocar um fim em tudo aquilo antes que levantes revolucionários ocorressem também na capital da República. Muitos políticos e membros do governo consideravam a situação já como perdida. Foi neste clima que alguns generais, mesmo da reserva, resolveram agir para procurar preservar ao menos a hierarquia das forças armadas e elas próprias como instituição. A maioria dos oficiais revolucionários era de patente inferior.

Os generais tinham de agir antes que o Exército fosse totalmente derrotado, subvertido ou que se esvaísse, se quisessem ter alguma influência em seu futuro. Os mais otimistas dentre eles talvez esperassem conseguir o controle da situação e, de algum modo, impedir Vargas de chegar ao poder. Mas isso era totalmente improvável (MCCANN, 2007, p.377).

O General Tasso Fragoso concluiria que uma ação pacificadora liderada pelos generais e oficiais superiores haveria de ter muito mais facilidade de conservar

a disciplina dos soldados e do Exército como um todo, incluindo neste conjunto a Marinha de Guerra. A ação dos generais visava ainda manter a ordem social, coibir os abusos e evitar as vinganças e conflitos pessoais.

As paixões haviam chegado a tal ponto que se fazia necessário uma intervenção no topo. Já em 19 de outubro, o coronel Bertoldo Klinger e o tenente-coronel José Antonio Coelho Neto procuravam vários generais em nome do general João de Deus Mena Barreto pedindo assinaturas para uma “ordem operacional” conclamando o presidente a renunciar (MCCANN, 2007, p.377).

Com a deposição de Washington Luiz da Presidência da República impedia-se a posse de Julio Prestes, eleito na polêmica votação daquele ano. Abria-se a estrada do Rio de Janeiro e abriam-se as portas do Palácio do Catete para Getúlio Vargas, de onde sairia apenas para entrar em definitivo na história do Brasil. A Revolução de 1930 coloca um fim na hegemonia das oligarquias cafeeiras no Brasil. Conforme Fausto (1991) na descontinuidade de outubro de 1930, o Brasil começa a trilhar a estrada da sua maioria política, começava-se também de maneira paradoxal a abertura a correntes ideológicas que ganhavam o mundo naquele tempo: o fascismo e o comunismo.

1.2.5. GRUPO DE TRABALHO EM REDE (GTR)

O material didático produzido e que é exposto na segunda parte deste trabalho, foi em partes testado junto as professores da Rede Pública Estadual de Educação, graduados em História e atuantes alguns deles há diversos anos na regência de salas de aula tanto no ensino fundamental como no médio. O GTR constituiu-se em um curso a distância, ministrado e executado por meio da internet e do Portal do Professor da Secretaria de Estado da Educação.

Quando da elaboração final deste trabalho, a SEED-PR havia retirado do ambiente virtual os registros referentes a este curso, desta forma foram prejudicados à análise dos resultados do mesmo e também a memória sobre a participação e as contribuições dos professores que efetivamente concluíram o curso.

Os professores realizaram o estudo de diversos textos indicados pela SEED e também, nos módulos finais procederam a análise do material didático proposto como FOLHAS. Porém a falta de maiores conhecimentos sobre a história regional paranaense, em especial sobre a década de 1920 e especificamente sobre a Revolução de 1930 limitou um tanto que os resultados esperados. Desta forma contribuição daqueles participantes do GTR que ficaram até o fim e concluíram o

trabalho proposto, limitaram-se mais a sugestões das questões didáticas propostas no texto e também ao esclarecimento de pontos de difícil entendimento nos primeiros textos.

De uma forma geral o curso foi, apesar das falhas do sistema de dados que prejudicaram uma melhor iteração e troca de informações, uma experiência positiva e troca de conhecimentos, produtiva. Desta forma a existência do GTR possibilitou em partes que se alcançasse a qualidade que o material didático (FOLHAS) obteve em sua finalização, mesmo tendo ficado um texto um tanto que pesado para o ensino médio.

A repercussão foi aparentemente positiva apesar da maioria dos participantes do Grupo de Trabalho em Rede (GTR) ter assumido que carecem de maior embasamento teórico para trabalhar os diversos aspectos históricos relacionados à história do Paraná. Levando-se em conta que os participantes do GTR são todos professores graduados em História e com prática docente de consideráveis anos. Destacou-se especialmente a falta de embasamento referente à Revolução de 1930 e o Paraná naquele período.

2. SEGUNDA PARTE

2.1. METODOLOGIA DE PRODUÇÃO

O trabalho que originou o texto aqui explicitado, **“Revolução De 1930: O Paraná e o Norte Pioneiro”** foi o resultado de uma longa pesquisa envolvendo o manuseio de documentos primários da época, obras literárias e acadêmicas contemporâneas. Foram usadas revistas de época, especialmente a “Revista do Globo” que perpassou a visão gaúcha do processo e jornais como “A Gazeta do Povo” e “O Estado de São Paulo”.

Pesquisas foram conduzidas em arquivos da Biblioteca Pública do Estado do Paraná, Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, Museu Paranaense, Biblioteca da Universidade Estadual de Londrina e especialmente no Centro de Documentação Histórica e Documentação da Universidade Estadual de Londrina. Os jornais consultados estavam em sua maioria micro-filmados. Correspondência e contatos pessoais foram mantidos com pesquisadores, memorialistas e descendentes de personagens que tiveram ligação direta com a Revolução de 1930 ou com seu registro.

No primeiro semestre de 2007, foi ministrada uma palestra pelo autor no Colégio Estadual “João Marques da Silveira” Ensino Médio, em Quatiguá-Pr, local do principal combate da Revolução de 1930 e cujo estudo foi objeto deste trabalho. Composta por alunos e professores do estabelecimento, a palestra contribuiu de maneira efetiva com o despertar do interesse sobre os acontecimentos ali verificados, bem como o surgimento de novas memórias sobre os fatos relacionados com o Combate de Quatiguá.

2.2. MATERIAL DIDÁTICO PRODUZIDO

2.2.1. Importância

O material produzido² tem a sua importância representada pelo seu caráter inédito, tanto dos acontecimentos estudados como da discussão conduzida. O parecer do orientador do trabalho resume a condição do mesmo:

Articulando pesquisa documental e diálogo historiográfico o folhas de Roberto Bondarik, retoma um tema da História Política, isto é, a Revolução de 1930 no Paraná, desvelando aspectos pouco conhecidos pela historiografia tradicional. Assim, possibilita ao leitor (aluno e professor da escola pública) uma visão de conjunto sobre o tema, isto é, esclarecendo particularidades e aspectos da revolução no Norte Pioneiro, assunto praticamente desconhecido nos manuais didáticos sobre o Estado. Neste sentido, destaca-se a articulação entre interesses econômicos e políticos, bem como uma visão conjuntural da revolução no Norte Pioneiro. [...] Do ponto de vista pedagógico contempla as necessidades e expectativas das Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná.

2.2.2. Características

O trabalho resume-se a um texto em que os acontecimentos relacionados à Revolução de 1930 vão sendo encadeados conforme sua sucessão temporal. Para um melhor entendimento houve a preocupação com a contextualização destes acontecimentos bem como a visualização da sociedade e da economia paranaense naquele tempo.

2.2.3. Objetivos

O objetivo principal deste FOLHAS era resgatar e trabalhar junto aos alunos da Rede Pública Estadual os acontecimentos relacionados a Revolução de 1930 no Paraná, em especial aqueles verificados no Norte Pioneiro do Estado.

² O texto produzido (FOLHAS) encontra-se exposto em ambiente virtual, no blog do autor (<http://robertobondarik.blogspot.com>) e tem contribuído efetivamente para a ampliação do conhecimento sobre a região em questão.

2.2.4. Revolução de 1930: O Paraná e o Norte Pioneiro

2.2.4.1. O Paraná em 1930*

Em 1930 o Estado do Paraná sentia os efeitos da crise econômica que atingia naquele momento quase que a totalidade do mundo ocidental. Iniciada nos Estados Unidos da América com a quebra da Bolsa de Valores em Nova York, esta crise provocou uma enorme diminuição do consumo, provocando falências de empresas e gerando desemprego. O comércio mundial reduziu-se a níveis extremos. A exportação de erva-mate, principal atividade econômica do Paraná naquele período também sentiu os efeitos da economia mundial.

Havia na década de 1920 um contraste entre as regiões que formam o Paraná: nos Campos Gerais destacava-se a pecuária extensiva; no Sul, a exploração da madeira baseada na Araucária (Pinheiro do Paraná) e também a extração da erva-mate nativa; em Curitiba concentravam-se as atividades voltadas ao beneficiamento da madeira e da erva-mate extraídas no interior; No Norte Pioneiro vicejavam diversas atividades econômicas que iam do cultivo de café em Cambará e Ribeirão Claro, passando pela criação extensiva de suínos (safra) em diversas cidades da região, chegando a extração de carvão mineral em Siqueira Campos e Ibaiti. O Norte Novo de Londrina e Maringá ainda estavam despontando no cenário paranaense.

2.2.4.2. A Revolução de 1930*

O movimento revolucionário de 1930 consolidou-se a partir do rompimento entre as oligarquias paulista e mineira, ambas ligadas a produção e a exportação de café. Desde fins do século XIX, com a consolidação da República, um acordo tácito entre os governantes destes dois estados garantia a alternância de ambos na

* Procurou-se neste tópico do FOLHAS (Material Didático) produzido, fazer uma breve explanação sobre o contexto histórico vivenciado no Estado do Paraná por ocasião da Revolução de 1930. Desta forma os dados e informações que são aqui transmitidos procuram delimitar resumidamente o cenário composto e os atores políticos que se envolveram no movimento revolucionário encabeçado por Getúlio Vargas e que no Paraná encontrou amplo apoio dos mais diversos segmentos. Demonstrou-se assim, em linhas gerais qual seria o perfil econômico do Estado do Paraná em suas diversas regiões efetivamente ocupadas naqueles conturbados anos 20 do século passado. (Nota do autor);

* Aqui foi dada importância à introdução e a explicação do que foi a Revolução de 1930. Procurou-se trabalhar as questões relacionadas à contextualização das causas da Revolução e abrangência que as mesmas obtiveram. Foi apontado o processo de organização e a efetivação do movimento revolucionário tendo o cuidado de considerar a sua expansão pelo Estado do Paraná para que os alunos ao fazerem uso deste trabalho pudessem ter idéia de como os fatos e os processos foram se desenvolvendo e se interligando até a efetiva ocorrência dos combates e demais ações militares verificadas no Norte Pioneiro do Paraná. Foi descrita de forma clara a posição estratégica e logística do Paraná, consideradas importantes para o efetivo sucesso da Revolução ou ainda para a sua contenção por parte das forças da legalidade baseadas no Estado de São Paulo. (Nota do Autor);

Presidência da República, uma prática denominada “Política do Café-Com-Leite”, pois seus interesses eram bastante semelhantes ou homogêneos como tal mistura. A crise econômica de 1929, atingindo a economia cafeeira, espalhou seus efeitos no Brasil.

Com altos e baixos a depressão americana se estendeu até 1938, levando à violenta retração do comércio internacional, à queda acentuada dos preços e à suspensão de empréstimos e investimentos. As exportações brasileiras de café diminuíram muito, a partir de 1929-1930 num momento em que os estoques internos eram altos. O mercado norte-americano, nosso principal comprador de café, praticamente fechou. Com isso os preços internacionais do produto caíram para um terço dos preços normais, e não havia capital para o financiamento das exportações (TEIXEIRA, 1991, p.162).

A crise econômica cafeeira brasileira, ocorrendo em um momento político bastante delicado, quando se realizavam os procedimentos eleitorais para a escolha do sucessor do Presidente da República, Washington Luiz. Conforme os princípios da política do café-com-leite, quem deveria indicar o próximo presidente seria a oligarquia mineira, seu candidato era o presidente de Minas Gerais, Antonio Carlos. Porém, alegando a necessidade da continuidade de políticas econômicas específicas visando a recuperação do país, Washington Luiz indicou como seu candidato oficial a sucessão o presidente de São Paulo, Júlio Prestes. Os políticos paulistas alegavam que mantendo o governo federal sob seu controle poderiam enfrentar melhor a crise.

A Aliança Liberal com a candidatura de Getúlio Vargas para Presidente da República e de João Pessoa para vice, colocava-se contra o “coronelismo” e o “voto de cabresto”, defendiam ainda a implantação do voto secreto e a modernização da sociedade e da economia do Brasil. Diante da ação dos coronéis da política, a Aliança Liberal acabou sendo derrotada em Abril de 1930, à exceção dos estados que a apoiavam: Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. A derrota aliancista aumentou a frustração política e as aspirações insurgentes em todo o Brasil.

Na República Velha, as opções para os candidatos derrotados eram amargas: reconhecer a vitória do adversário, contentando-se com uma fatia menor no bolo do poder, ou continuar na oposição, arrostando uma perseguição implacável. Em 1930, porém, os derrotados controlavam três governos estaduais. Era menos que o suficiente para eleger um presidente, porém mais que mera influência civil (CALDEIRA, 1997, p.259).

Liderado pelo secretário do governo do Rio Grande do Sul, Oswaldo Aranha, a partir de maio de 1930 organiza-se um movimento conspiratório visando impedir a posse de Júlio Prestes e o afastamento de Washington Luiz do governo do país. Líderes tenentistas das rebeliões militares durante a década de 1920 foram

contatados e muitos deles aceitaram aderir e mesmo a auxiliar no planejamento e condução do movimento. Foi este o caso, dentro do Estado do Paraná, do Major Plínio Tourinho, oficial de Artilharia do Exército, servindo em Curitiba e simpatizante do tenentismo.

[...] o Paraná pela sua situação geográfica, pelo civismo de seu povo, não poderia ficar indiferente a essa ação coletiva de reivindicação dos direitos nacionais. A conspiração revolucionária espalhava-se por todos os recantos do país. Urgia acelerar a reação o quanto antes para impedir a posse do novo governo. No dia 14 de junho de 1930, por intermédio do Capitão Djalma Dutra, recebi as credenciais verbais do meu antigo companheiro de Escola Militar dr. Getúlio Vargas, para organizar no Paraná um movimento de apoio ao que ia se realizar no Sul, Minas e Norte do país. Embora se tratasse de uma missão árdua e de alta responsabilidade, e já decepcionado com os fracassos sucessivos de tantas reações, aceitei essa pesada incumbência, conseguindo o apoio de alguns oficiais da guarnição [...] (TOURINHO, 1980, p.80).

A data para o início do movimento foi estabelecida para o dia 03 de outubro de 1930, uma sexta-feira. Movimentos sincronizados seriam levados a efeito em todo o Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e Paraíba. As 17h30m deste dia forças da Brigada Militar Gaúcha, Guarda Civil, rebeldes do Exército e voluntários civis comandados por Oswaldo Aranha e Góes Monteiro, tomam de assalto o edifício do Quartel General do Exército em Porto Alegre. O comandante da Região Militar, General Gil de Almeida foi preso durante essa ação. Imediatamente deflagra-se por todo o estado a ação dos rebeldes que tomam, com poucas exceções, os quartéis e guarnições do Exército. Iniciava-se de maneira prática o movimento que alçaria Getúlio Dorneles Vargas à Presidência da República.

2.2.4.3. O Paraná no Caminho da Revolução*

Com o Rio Grande do Sul sob controle, os revolucionários precisavam atravessar quatro estados (Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro) até atingir a então capital da República, a cidade do Rio de Janeiro. O caminho mais rápido por terra era seguir pela Ferrovia São Paulo – Rio Grande (vide mapa).

Ainda no dia 03 de outubro, horas antes dos eventos em Porto Alegre, forças rebeldes seguiram de trem pelo interior de Santa Catarina, seu objetivo era chegar

* Explana-se aqui o início efetivo da ação revolucionária no Estado do Paraná e a movimentação de tropas, forças revolucionárias e também legalistas na preparação do cenário dos confrontos que foram verificados no decorrer do mês de outubro de 1930 especialmente nas regiões próximas às divisas com o Estado de São Paulo. Destaca-se ainda neste tópico, a importância da Ferrovia São Paulo – Rio Grande do Sul para o deslocamento das forças revolucionárias. Especificam-se os cenários onde ocorreram os diversos enfrentamentos entre as forças revolucionárias paranaenses, rio-grandenses (gaúchas) contra as forças da legalidade oriundas principalmente do Estado de São Paulo. Os locais destes confrontos foram especificamente: Sengés-PR / Itararé-SP, Vale da Ribeira e o Ramal do Paranapanema (Norte Pioneiro do Estado do Paraná). (Nota do Autor);

rapidamente até Porto União na divisa com o Paraná. Garantir-se-ia assim, o controle sobre a antiga área do Contestado, preservando a segurança e o deslocamento dos rebeldes. A vanguarda revolucionária estava preparada para usar suas armas, como de fato o fez, na tomada das estações ferroviárias ao longo do trajeto. A resistência mesmo assim foi mínima, pois a liderança do movimento havia, através de agentes especiais, trabalhado os ânimos das lideranças políticas (especialmente de oposição) e principalmente das diversas guarnições do Exército até a divisa entre Paraná e São Paulo.

Quando o comando e as forças revolucionárias chegam a Porto União, o Batalhão de Caçadores vindo de Joinville e aí estacionado já havia se rebelado e aderido prontamente à Revolução. Neste mesmo dia, 04 de outubro, o 13º Regimento de Infantaria também se rebelara e tomava conta da cidade de Ponta Grossa, sua base. Em Curitiba, capital do Estado o Major Plínio Tourinho, em acordo com os gaúchos, lidera o conjunto de ações que leva a adesão da guarnição federal, da Polícia Militar e Corpo de Bombeiros ao movimento revolucionário. O Presidente do Estado do Paraná, Affonso Camargo, sem apoio militar, retira-se para Paranaguá e daí para São Paulo, via Cananéia.

Em 05 de Outubro Curitiba encontrava-se sob um governo revolucionário, seu chefe era o General da Reserva Mário Tourinho (irmão do Major Plínio):

A adesão do Paraná foi quase a vitória da Revolução. Pela sua situação geográfica e pela unidade de vistas do povo e da guarnição militar do Exército, o seu concurso à causa foi dos mais inestimáveis. Após a vitória da manhã de 05 de outubro [de 1930] às 13 horas desse dia, entrei em franca ligação pelo telégrafo com o chefe da revolução, dr. Getúlio Vargas, dando-lhe conta das ocorrências mais importantes e das medidas tomadas para garantia do movimento revolucionário. Dele recebi o primeiro telegrama, que dizia: "Porto Alegre, 5 – Major Tourinho. Curitiba. Paraná. Bravo! Bravo! Marcho com o Rio Grande ao vosso encontro. Vamos todos. Exército e povo. Abraços. Getúlio Vargas" (TOURINHO, 1983, p.83).

Com a adesão paranaense, as tropas gaúchas avançam pelo estado, chegam a Ponta Grossa no dia 06 de outubro. Um impasse envolvendo o 5º Regimento de Cavalaria divisionária, sediado em Castro, nos Campos Gerais, atrasa o avanço rebelde. O 5º R.C.D. permanece fiel a Legalidade e em seu recuo em direção a São Paulo e a cidade de Itararé, destruiu trechos da ferrovia e danificou pontes. Em Itararé, junto a divisa com o Paraná, organizavam-se as forças que pretendiam barrar o avanço rebelde vindo do Sul.

As primeiras forças rebeldes que seguem rumo a Itararé eram formadas pelo 13º Regimento de Infantaria e pela Polícia Militar do Paraná. Estas forças

perseguiram o 5º Regimento de Cavalaria, legalista, passaram por Jaguariaíva e seguiram para Sengés, à época uma vila diante de Itararé. Os rebeldes paranaenses foram seguidos pelos gaúchos que em Jaguariaíva adentraram pelo Ramal Ferroviário do Paranapanema, atingindo sem dificuldades o Norte Pioneiro do Paraná. Outras forças seguiram de Curitiba para o Vale da Ribeira onde ocorreram também combates.

Formavam-se conforme Young (1979), as três frentes de enfrentamento entre os rebeldes revolucionários e as forças defensoras da legalidade formadas por unidades do Exército sediadas em São Paulo e Rio de Janeiro e pela Força Pública Paulista (atual Polícia Militar do Estado de São Paulo). As frentes de combate eram Vale da Ribeira, Sengés-Itararé e Norte Pioneiro e Norte Pioneiro (vide mapa).

[...] houve um impasse militar na fronteira com São Paulo [e Paraná], perto da cidade de Itararé. A batalha aí travada teve características aparentemente modernas, com trincheiras em toda a frente de combate, arame farpado, ninhos de metralhadoras e artilharia (YONG, 1979, p.26).

Localizando-se Itararé a meio caminho entre o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro e controlando com sua posição a entrada para São Paulo, estado que sustentava politicamente o poder de Washington Luiz, o domínio desta região era essencial para ambas as forças oponentes. O Norte Pioneiro do Paraná e o Vale da Ribeira, situados nos lados (flancos) de Itararé, possibilitavam com o seu controle uma proteção essencial ao avanço gaúcho ou a resistência legalista.

2.2.4.4. O Norte Pioneiro Paranaense Deflagrado*

Devido a sua importância no contexto do avanço gaúcho, tropas vindas diretamente do Rio Grande do Sul trataram de assegurar o seu controle. No dia 08 de outubro, contando com apoio local, um comboio ferroviário transportando um

* Neste tópico é apresentada uma síntese do que foram os combates entre as forças revolucionárias e as forças da legalidade no Ramal do Paranapanema, nome pelo qual era conhecida a região atualmente conhecida como Norte Pioneiro do Estado do Paraná. Destacamos aqui o caráter inédito das informações repassadas sobre os fatos ocorridos em outubro de 1930 nesta região, sendo que os mesmos foram levantados e trabalhados com base em documentos (livros, revistas e jornais) daquele tempo. É importante o registro de que na prática inexistem trabalhos acadêmicos ou sua existência nos é desconhecida, em tal nível de detalhamento sobre esse conjunto de acontecimentos. Relata-se desta forma as ações revolucionárias e da legalidade em diversos pontos do Norte Pioneiro. Aponta-se a importância do “Combate de Quatiguá” que verificou-se nos dias 12 e 13 de outubro de 1930, procurando destacar a sua importância, contextualizada, para o sucesso que os revolucionários tiveram em sua ação: derrubar o Presidente da República Washington Luis, impedir a posse de Júlio Prestes que no julgamento dos revolucionários havia sido eleito presidente em uma eleição fraudulenta e, por fim, alçaram Getúlio Vargas à chefia do Brasil, cargo que proporcionaria inúmeras mudanças institucionais, políticas, sociais e econômicas de extrema abrangência. Aponta-se também neste trecho as ações legalistas que foram empreendidas para procurar conter o avanço das forças revolucionárias gauchas e paranaenses. (Nota do Autor);

esquadrão da Brigada Militar chega até Colônia Mineira, atual Siqueira Campos e daí seguindo até Affonso Camargo, atual Joaquim Távora³, nos dias seguintes.

[...] seguindo para Porto União, de onde marchamos na segunda composição para a Colônia Mineira, onde junto com o Cap. Marinho empossamos as autoridades ficando nossa composição em Colônia Mineira e seguindo a primeira para Affonso Camargo sob o comando do Cap. Marinho (PRADO, 1931, p. 000).

Estas foram as primeiras forças gaúchas que se avizinharam da divisa de São Paulo. Pelo Norte Pioneiro poderiam chegar por via férrea até diante de Ourinhos-SP, poderiam atravessar o Rio Paranapanema pela Ponte Pênsil “Manuel Alves de Lima”, em Ribeirão Claro ou transpor o Rio Itararé em Porto Maria Ferreira ou em Carlópolis, adentrando assim ao Estado de São Paulo.

Foram os primeiros combatentes revolucionários que se aproximaram da fronteira. Por isto, os que primeiro se mediram com os que desceram de São Paulo. Atingindo a estação férrea de Jaguariáiva, onde a estrada se bifurca, deixaram a direção de Itararé para a direita e rumaram para Colônia Mineira [Siqueira Campos - PR], à esquerda. Atingiram-na sem tropeço. E não perderam tempo. Continuaram avançando, sempre pela via férrea. Transpuseram a estação Catiguá [Quatiguá - PR] e prosseguiram para Affonso Camargo [Joaquim Távora-PR]. Afinal aqui [...] tiveram contato com os primeiros adversários (LEITE, 1931, p.151).

A força legalista era composta por elementos do Exército, Força Pública Paulista e voluntários civis, chamados legionários, recrutados por Ataliba Leonel, deputado federal e chefe político em Pirajú-SP. Diante da oposição encontrada, o Esquadrão Marinho recuou para a estação Quatiguá onde permaneceu, era o dia 11 de outubro. Este episódio foi noticiado em São Paulo, no dia seguinte como uma grande vitória da Legalidade:

Em Jacarezinho, no Paraná, a columna de patriotas que alli se encontrava, sob o commando do major Agnello de Souza infligiu decisiva derrota nos rebeldes que se aprestavam em ataca-la, avançando até Colônia Mineira (O ESTADO DE SÃO PAULO, 12 out. 1930, p.1)⁴.

Em Quatiguá o Esquadrão Marinho aguardou o “Destacamento Etchegoyen”, comandado pelo Coronel Alcides Gonçalves Etchegoyen, no amanhecer de 12 de outubro, uma essencialmente gaúcha. As forças legalistas atacam Quatiguá neste mesmo dia, ao final da tarde.

As tropas situacionistas paulistas atravessaram a fronteira paranaense, ocuparam Ribeirão Claro, Joaquim Távora [Affonso Camargo] e [...] Quatiguá. Ali foi o foco da pegada. Travou-se ali o maior combate da Revolução de 30 (WACHOWICZ, 1987, p.128).

³ Após a vitória da Revolução, o interventor do Estado, General Mario Tourinho, alterou o nome destas localidades. Assim Colônia Mineira recebeu o nome de Siqueira Campos, tenente revolucionário morto em um acidente aéreo no Rio da Prata em 1930. Joaquim Fernandes Távora, irmão de Juarez Távora, faleceu em decorrência de ferimentos em combate durante a Revolução de 1924 na cidade de São Paulo, foi sepultado no Cemitério da Consolação na capital paulista;

⁴ Foi mantida a ortografia da época;

O combate transcorreu por parte da noite ainda. Ambos os contendores receberam reforços e foi se desenhando aquele que seria um dos mais violentos combates da Revolução de 1930, superior mesmo aos da frente de Sengés. O relatório de Nelson Etchegoyen, comandante da artilharia rebelde completa as informações sobre o combate que transcorreu até as nove horas da manhã de 13 de outubro.

DIA 13 – Às 2 horas tivemos ordem de seguirmos imediatamente para Quatiguá a fim de reforçarmos o restante do [1º] Destacamento, que seria atacado por forças paulistas, que durante toda a noite recebiam reforços, procurando envolver a estação, onde se achava tropa amiga; seguimos e apenas desembarcamos a nossa última peça de artilharia foi desencadeado violento ataque com tropas regulares da Força Pública Paulista. Nesse combate nossas tropas, fiéis às tradições de bravura dos seus antepassados, se portou com extraordinário heroísmo e sangue frio, derrotando de modo absoluto e formal, o inimigo [...] (ETCHEGOYEN, 1931).

A tropa legalista retirou-se, após ser derrotada, em direção à divisa de São Paulo. O relatório do Coronel Alcides Etchegoyen, levando-se em conta a sua visão particular dos acontecimentos, resume as condições da retirada dos legalistas.

O seu dispositivo esfrangalhou-se, o pânico se manifestou em suas fileiras, veio a desordem e a confusão. A ninguém mais seria dado conter aquela tropa cheia de terror, cujo pensamento único era fugir e cuja fuga era cortada pelo fogo das nossas metralhadoras pesadas que a fusilava em massa. As populações das cidades e villas, ao longo da via férrea Quatiguá - Jacaresinho, são testemunhas do estado de dismantello e desmoralização das tropas adversárias em fuga, as quaes tomadas de pavor e viajando em caminhões incendiavam, com auxilio de gasolina, as pontes e pontilhões ao longo da estrada, afim de evitar a perseguição de nossa tropa e destruindo a dinamite de uma maneira bárbara as pontes lançadas sobre o Paranapanema e incendiando todas as balsas, botes e canoas existentes nos diversos passos daquele rio, abandonando em definitivo naquella região, o Estado do Paraná. (VÉRAS, 1933, p. 34)

Os legalistas destruíram as pontes sobre o Rio Paranapanema, a ponte ferroviária da Viação São Paulo-Paraná que ligava a Ferrovia Sorocabana também ao Ramal do Paranapanema, a ponte pênsil rodoviária (Ponte Pênsil Manoel Alves de Lima) em Ribeirão Claro foi também destruída com dinamite. O intento legalista era impedir o avanço gaúcho sobre São Paulo.

Encerrado a situação em Quatiguá os rebeldes ocuparam a região dando combate aos remanescentes legalistas. Em 15 de outubro exploram Carlópolis, cidade que ocupam em definitivo no dia seguinte. Em 19 de outubro chegam Ribeirão Claro e Jacarezinho onde dão posse a novas autoridades municipais.

Vitoriosa em Quatiguá, a revolução tomou posse de Jacarezinho, a principal cidade da região, ali designando o médico Gustavo Lessa "Governador Provisório do Município" e o major Guiomar de Assis Moreira, delegado de polícia. "Dada à retidão de caráter das ilustres novas

autoridades, temos certeza que o povo de Jacarezinho jamais viu tão bem garantidos os seus direitos", proclama o comandante do 1º Batalhão de Caçadores, major Alcides Araújo, em A Revolução. (SCHWARTZ, 2007)

Em Carlópolis os militares gaúchos exploraram as margens do Rio Itararé até o Porto Maria Ferreira. Construíram barcas para a travessia do rio. Porém era o dia 24 de outubro, e no Rio de Janeiro os Generais e Almirantes em um Golpe de Estado depõem e prendem o presidente Washington Luiz alegando evitar maior derramamento de sangue. Após negociações estava vencida a Revolução de 1930.

2.2.4.5. Conclusão*

A derrota das forças da legalidade em Quatiguá chamou a atenção do Cônsul Geral dos Estados Unidos da América em São Paulo, que em telegrama datado do dia 18 de outubro alertou o Secretario de Estado daquele país sobre os resultados desse combate.

Coluna governista avançando de Ourinhos seriamente derrotada há poucos dias atrás. Governo agora na defensiva. Estrada de ferro São Paulo-Paraná transportando bens requisitados e todas as pontes destruídas pelo governo. Toda a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande do Sul cooperando com revolucionários (YOUNG, 1979, p.27)

É possível que esta derrota, colocando os legalistas na defensiva como afirma o cônsul americano, tenha convencido os generais no Rio de Janeiro a repensarem suas posições políticas. Considerando-se essa hipótese poderíamos afirmar que os acontecimentos desenrolados no Norte Pioneiro durante a campanha militar da Revolução tiveram, sopesados juntos ao seu respectivo contexto, importante contribuição ao sucesso do movimento iniciado no Rio Grande do Sul em 03 de outubro.

2.4.5. Questões propostas no material didático

As atividades relacionadas a seguir foram propostas ao longo do texto do FOLHAS com o intuito de reforçar a assimilação, aprofundamento e a fixação das informações perpassadas e também para estimular uma maior e melhor discussão sobre os temas trabalhados.

* Neste tópico final do FOLHAS, procurou-se apontar a importância das ações verificadas no Ramal do Paranapanema (Norte Pioneiro do Paraná) para o sucesso da Revolução de 1930, conforme explicitado nos tópicos e notas anteriores. (Nota do Autor);

1. Em 1929 os Estados Unidos da América passaram por uma enorme crise econômica e financeira que teve reflexos profundos em todo o mundo capitalista. Pesquise em seu livro didático as principais causas e os desdobramentos desta crise.
2. É costume em muitas regiões do Estado do Paraná tomar chimarrão (matear) entre familiares e amigos. Existem também outras formas de consumo da erva-mate, cuja atividade de extração, beneficiamento e exportação foi muito importante para o desenvolvimento paranaense. Faça uma pesquisa sobre o ciclo da erva-mate e descreva as informações obtidas em seu caderno.
3. Identifique os fatores que provocaram a Revolução de 1930, inter-relacionando em sua resposta o coronelismo, o voto de cabresto e o tenentismo.
4. Qual é a relação que pode ser apontada entre a crise de 1929 e o rompimento da política do café-com-leite?
5. Quais eram as perspectivas que os candidatos derrotados possuíam após as eleições durante a República Velha?
6. Qual era importância atribuída ao Estado do Paraná para o sucesso da Revolução de 1930?
7. Como se deu o controle do Estado do Paraná pelos revolucionários?
8. Qual era importância do Norte Pioneiro do Paraná dentro do avanço revolucionário em direção à São Paulo e ao Rio de Janeiro?
9. Quais foram as forças que se enfrentaram no Norte Pioneiro durante a Revolução de 1930?
10. Pesquise e aponte quais foram os motivos que levaram os políticos do Estado de São Paulo a se colocarem contra a Revolução de 1930.
11. Pesquise e anote em seu caderno as principais consequências da Revolução de 1930?
12. Quais foram as repercussões e as possíveis consequências dos combates ocorridos no Norte Pioneiro do Paraná em 1930?
13. Qual a relação que pode ser apontada entre os tenentes revolucionários da década de 1920 e as cidades do Norte Pioneiro?

3. IMPLEMENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

3.1. Estratégias de Aplicação

Os textos foram distribuídos aos alunos do segundo ano do Colégio Estadual “Cristo Rei” Educação Normal, em Cornélio Procópio-Pr.

Os textos foram lidos e explicados, discutidos e analisados. Por fim foram resolvidas as questões propostas. Toda a seqüência de trabalho foi realizada sem maiores empecilhos ou problemas.

3.2. Resultados Aparentes

Aparentemente os resultados foram positivos. Houve um despertar de interesses devido ao texto versar sobre “combates e guerra” em uma região tão próxima como Norte Pioneiro do Paraná. Região que por sinal Cornélio Procópio faz parte. Outro interessante destaque deve ser dado ao fato de, nos documentos de época ter sido mantidos a ortografia e os termos daquele tempo, uma vez que quando da aplicação do FOLHAS, falava na mídia sobre a reforma da língua portuguesa.

O interesse despertado sobre os aspectos da história paranaense também puderam ser notados, uma vez que há no texto referencia sobre diversas atividades econômicas e as diversas regiões do Estado. Sendo assim, o trabalho desenvolvido teve utilidade pratica no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem relacionado à história do Brasil e do Paraná em particular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES:

- BANN**, Stephen. *As Invenções da História: Ensaio sobre a Representação do Passado*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1994;
- BRENER**, Jayme. *Das Cinzas da Guerra, Um Novo Brasil*. In: História Viva, Janeiro 2004, p.84-89;
- BURKE**, Peter. *Uma História da Intimidade*. Caderno Mais / Folha de São Paulo, São Paulo, 12 de Março de 2000, p.15;
- CALDEIRA**, Jorge. *Viagem Pela História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997;
- CAMARGO**, Aspásia. *A revolução das elites: conflitos regionais e centralização política*. In: A REVOLUÇÃO de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getulio Vargas. Brasília, D.F.: Ed. Universidade de Brasília, c1982. p. 7-46;
- CAMARGO**, Aspásia. *A revolução das elites: conflitos regionais e centralização política*. In: A REVOLUÇÃO de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getulio Vargas. Brasília, D.F.: Ed. Universidade de Brasília, c1982. p.7-46;
- CAMPOS**, Edmundo; **FERNANDES**, Heloísa Rodrigues. *Forças armadas: autonomia e hegemonia*. In: REVOLUÇÃO de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getulio Vargas. Brasília, D.F.: Ed. Universidade de Brasília, c1982. p. 247-263;
- DIAS**, Claudia; **FERNANDES**, Denise. *Pesquisa e método científicos*. Disponível em < <http://www.geocities.com/claudiaad> > Acesso em 10 de agosto de 2006;
- DUELCEY**, Américo Oswaldo. *Vinte Dias de Glória: A Revolução de 1930 no Paraná*. Curitiba: Livraria Ghignone, 1930;
- FAUSTO**, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e História*. 13ªed. São Paulo: Brasiliense, 1991;
- GIORDANI**, Mario Curtis. *História da Antiguidade Oriental*. 8ª ed, Editora Vozes, Petrópolis, 1987;
- HOBBSAWM**, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;
- INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE**. *Cinqüentenário da Revolução de Trinta no Paraná*. Curitiba: Inst. Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1980;
- KESSEL**, Zilda. *Memória e Memória Coletiva*. Disponível em < http://www.museudapessoa.net/escolas/textos_apoio.htm > Acesso em 15 de Junho de 2005.
- LAKATOS**, Eva Maria; **MARCONI**, Marina de Andrade. *Metodologia do Trabalho Científico*. 4ed. São Paulo. Atlas, 1998;
- LEITE**, Aureliano. *Memórias de um revolucionário: A Revolução de 1930, Pródromos e conseqüências*. 1ª edição. s/l. 1931;
- MARTINS**, Luciano. *A revolução de 1930 e seu significado político*. In: REVOLUÇÃO de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getulio Vargas. Brasília, D.F.: Ed. Universidade de Brasília, c1982. p. 669-689.
- MAULIN**, Eric. *Fernand Braudel: A História Total*. Disponível em < <http://www.france.org.br/abr/label/label23/scienceshumanes/bra.html> > Acesso em 04 de Janeiro de 2005;
- MCCANN**, Frank D. *A influência estrangeira e o exército brasileiro, 1905-1945* / Tradução Lúcia Hippólito. In: REVOLUÇÃO de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getulio Vargas. Brasília, D.F.: Ed. Universidade de Brasília, c1982. p. 211-246;
- MEIRELLES**, Domingos. *1930: Os Órfãos da Revolução*. Rio de Janeiro: Record, 2005;
- MIRANDA**, Alcebiades. *Justitia Vanum Verbum: Episódios da Revolução de 1930*. São Paulo: (S.D.T.) 1933;

O QUE É MEMÓRIA? Disponível em < http://www.museudapessoa.net/escolas/oq_eh_memoria.htm > Acesso em 15 de Junho de 2005;

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado**. In: In: REVOLUÇÃO de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas. Brasília, D.F.: Ed. Universidade de Brasília, c1982. p. 505-526;

PESEZ, Jean Marie. In: **Enciclopédia Einaudi**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Portugal, 1989, p.26, 46-7;

PRADO, Hermínio. “**Acção da Legião Garibaldi do Commando do General Elisiário Paim Filho**”. In: **Revolução de 1930: Imagens e Documentos, Revista do Globo – Edição Especial**, Fevereiro de 1931, Porto Alegre: Barcellos, Bertaso & CIA, p. 257-261;

PRINS, Gwyn. **História Oral**. In: **BURKE**, Peter (Org). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. 2ª ed. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Unesp, 1992, p.163-164;

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980**. In: REVOLUÇÃO de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas. Brasília, D.F.: Ed. Universidade de Brasília, c1982. p. 527-548. Disponível em <<http://www.cpdoc.fgv.br>> Acesso em 10 de junho de 2008;

REIS, José Carlos. **A História: entre a Filosofia e a Ciência**. São Paulo, Ática, 1996;

SCHWARTZ, Widson. **Quatiguá no Diário da Revolução**. Caderno Cidades, Folha de Londrina, 13 de Junho de 2007;

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Informações Gerais Sobre o Programa de desenvolvimento Educacional – PDE/SEED-PR. Disponível em <http://www.pde.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Informativos/Informativo_pde_01.pdf> Acesso em 12 de Agosto de 2007;

TEIXEIRA, Francisco M. P.; **TOTINI**, Maria Elisabeth. **História Econômica e Administrativa do Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1991;

TOURINHO, Plínio. **Depoimento**. In: **Cinqüentenário da Revolução de Trinta no Paraná**. 2ª Ed. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1980, p.78-83;

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; **PEIXOTO**, Maria do Rosário da Cunha; **KOURHY**, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1991. P.12;

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Norte Velho, Norte Pioneiro**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1987;

YOUNG, Jordan. “**Aspectos Militares da Revolução de 1930**”. In: **Os Militares e a Revolução de 30**. FIGUEIREDO, Eurico (Org). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.15-35;